



Habilidades de Pensamento Crítico ^{Para} leigos

Alguma vez você já sentiu que precisava aprimorar suas habilidades de pensamento crítico, a fim de dominar a lógica argumentativa e melhorar suas habilidades críticas ao ler, escrever, falar ou ouvir? Esta Folha de Cola está aqui para ajudar.

OS INGREDIENTES DE UM BOM PENSADOR CRÍTICO

Um bom Pensador Crítico é composto de muitos ingredientes. Se você está construindo um Pensador Crítico, à la Dr. Frankenstein, aqui estão as habilidades e atributos que você precisa reunir:

- **Tolerância:** Pensadores Críticos têm prazer em ouvir pontos de vista divergentes e desfrutar de um verdadeiro debate.
- **Habilidades analíticas:** Pensadores Críticos não aceitam qualquer tipo de fala. Eles querem argumentos corretamente elaborados que apresentem razões e proponham soluções.
- **Confiança:** Pensadores Críticos têm que ser um pouco mais confiantes que outras pessoas presentes — muitas vezes pessoas em posição de autoridade — para serem capazes de examinar pontos de vista.
- **Curiosidade:** Pensadores Críticos precisam ser curiosos. A curiosidade pode ter matado o gato, mas é um ingrediente essencial para ideias e insights.
- **Procura pela verdade:** Pensadores Críticos são missionários da “verdade objetiva” — mesmo que isso acabe por minar suas próprias convicções e crenças anteriores de há muito acalentadas e não contemple seus interesses pessoais.

PENSADORES CRÍTICOS VERIFICAM A METODOLOGIA

Uma habilidade fundamental do Pensamento Crítico é ser capaz de compreender, e criticar, a metodologia de um escritor. Quando os autores escrevem livros, conduzem estudos ou investigam um assunto, trabalham dentro de um *paradigma de pesquisa* (um quadro teórico) que afeta como eles veem e investigam o tema. Em estudos acadêmicos formais, os autores discutem o paradigma de pesquisa antecipadamente, e por isso tudo é simples. Mas, mais frequentemente, deixam a natureza do paradigma escolhido como um dado. Assim, o Leitor Crítico tem que fazer um esforço específico para se concentrar nisso — e considerar como a escolha pode distorcer as informações relatadas.



Habilidades de Pensamento Crítico ^{Para} leigos

Aqui estão algumas perguntas úteis para quando se observa os relatórios e resultados de pesquisas na ampla área das ciências sociais:

- **Teórico ou empírico:** O texto está preocupado principalmente com ideias e teorias ou com observações e mensurações? A maioria dos textos combina as duas abordagens, porém, Leitores Críticos precisam identificar quais elementos devem constituir o foco primário — mesmo que o autor pareça confuso!
- **Nomotético ou ideográfico:** Esses termos se originam do grego antigo (*nomos* significa lei e *idios* significa próprio ou privado) e se referem a leis ou regras que se aplicam no geral, em contraste com aquelas que se relacionam com os indivíduos. A maioria das pesquisas sociais ocupa-se com o nomotético — o caso geral — porque mesmo quando os pesquisadores estudam individualmente, normalmente esperam generalizar os resultados para os demais. Tenha sempre em mente a extensão em que observações inteiramente válidas sobre um determinado caso podem ser generalizadas com segurança.
- **Causa ou correlação:** Tantas pessoas misturam esses termos que o erro tem seu próprio e especial nome — *cum hoc ergo propter hoc* (o latim para “com isto, logo, por causa disso”). Em outras palavras, juntar elementos cuja conexão não está provada. Tomemos um exemplo médico. Em um recente estudo efetuado entre mais de um milhão de mulheres com câncer de mama verificou-se que muitas foram curadas por cirurgias de remoção de células suspeitas de serem cancerígenas. Constatou-se que 2/3 delas ainda estavam vivas dez anos depois.

Pode parecer natural supor que a sobrevivência se deveu ao tratamento, mas o estudo também descobriu que mulheres de um grupo de controle nas quais simulou-se uma cirurgia (que não envolve nenhuma remoção de células) teve uma taxa de sobrevivência idêntica — além de riscos muito reduzidos ou efeitos deletérios dos procedimentos. Atente para o fato de que, em estudos experimentais, há vieses inerentes para ver causalidade mesmo quando ela talvez não exista.

- **Respostas estatísticas ou hipóteses ideológicas:** Inúmeras pesquisas baseiam-se em probabilidades. Todavia, trabalhar com elas é algo em que mesmo os pesquisadores experientes podem falhar — talvez aplicando um procedimento estatístico errado em seus dados e, geralmente, superestimando a importância de seus resultados. Estatísticas não são simples obviedades; elas são criadas, mal compreendidas e manipuladas, e por isso políticos e empresas às vezes apoderam-se delas a fim de apresentar uma visão não isenta de parcialidade.



Habilidades de Pensamento Crítico ^{Para} leigos

ENFRENTANDO A QUESTÃO DA ASSERTIVIDADE

Como separar pontos de vista duvidosos que não são suportados por evidências, de teorias razoáveis que talvez valham a pena serem seriamente consideradas? Esse problema é às vezes chamado de *Questão da Assertividade* (QA), porque você está perguntando qual evidência permite afirmar que a alegação é verdadeira.

Eis uma lista de verificação útil para testar teorias científicas:

- Quão bem a ideia corresponde ao senso comum? A ideia é maluca?
- Quem propôs a ideia? Tal pessoa tende a considerá-la verdadeira?
- Os proponentes usam as estatísticas de uma maneira honesta? Eles apoiam a teoria referenciando-a a outros trabalhos que suportam a abordagem?
- A ideia explica muito — ou muito pouco — para ser útil?
- Quão abertos são os propositores da ideia no que diz respeito a seus métodos e dados?
- Quantos *parâmetros livres* existem? Isto é, quantas configurações que restringem e afetam a teoria foram decididos artificialmente?

COMO PENSADORES CRÍTICOS COMPREENDEM O PÚBLICO

Pensadores Críticos avaliam o público-alvo para todos os tipos de escrita.

Eis algumas abordagens gerais para determinados tipos de escrita destinados a públicos específicos:

- **Estudos acadêmicos e relatórios:** Um resumo geralmente encabeça esse tipo de texto; normalmente segue um padrão definido: uma seção delineando o problema, uma seção explicando o que as pessoas já disseram sobre ele, e a importante seção a propósito dos métodos de pesquisa. É nesta última parte que o autor explica por que escolheu explorar o problema, seja ele qual for, e a maneira como o faz. A maior parte do relatório, em seguida, ocupa-se com “o que foi descoberto” usando tal metodologia, e as seções finais conduzem às conclusões decorrentes da pesquisa.



Habilidades de Pensamento Crítico ^{Para} leigos

- **Artigos de periódicos:** Geralmente começam com um resumo em separado chamado *sinopse* e o corpo principal inicia contextualizando a questão e examinando várias posições possíveis, todas com referências bem detalhadas. O parágrafo final pode muito bem ser chamado de “Conclusão”, como efetivamente é — entrelaçando os fios do que havia sido discutido anteriormente. A sinopse e a conclusão de muitos artigos de periódicos acadêmicos são muito semelhantes.
- **Artigo de revistas:** Podem muito bem começar com uma pequena estória, ou uma questão provocativa, a qual é seguida por uma discussão que vai se desenvolvendo à medida que você a lê — e pode muito bem reservar uma surpresa no final!
- **Artigo de jornal:** Pelo menos convencionalmente, principiam indicando todos os pontos-chave na primeira linha! O parágrafo seguinte se expande a partir dessa abertura, e o próprio artigo consiste novamente no mesmo, agora com mais detalhes. Artigos de jornais não deixam o melhor por último por um motivo de ordem prática: a extremidade final do artigo é a primeira a ser sacrificada se houver carência de espaço físico. Jornalistas da velha guarda costumam contar as histórias sempre com a mesma estrutura: dizer *quem, o quê, quando, onde, porque e como*, nessa ordem.

Não descarte a escrita jornalística! Ela é estruturada, e compartilha uma característica importante com a escrita acadêmica — a busca da imparcialidade.

“O que você vê é notícia, o que você sabe é experiência”, como disse o jornalista norte-americano Lester Markel.

DOIS TESTES DE QUANDO CONFIAR EM SUAS INTUIÇÕES

Há um pressuposto generalizado nos mundos acadêmico e empresarial, que ser lógico e racional é uma forma de pensar mais poderosa do que ser emocional e intuitivo. Uma das vozes mais influentes nessa questão é o psicólogo americano Daniel Kahneman, cuja divisão de pensamento em dois tipos lhe valeu o Prêmio Nobel de Economia.

Ele dá o exemplo de um taco e uma bola que, juntos, custam \$1,10. O taco custa \$1,00 a mais do que a bola. Quanto custa a bola? O “Sistema Um” — como Kahnemann chama o pensamento rápido e instintivo — imediatamente vem com uma resposta: dez centavos! Que pena, a resposta está errada. Pensamento lento é necessário para obter o direito de responder —, bem como de desconfiar de sua intuição.



Habilidades de Pensamento Crítico ^{Para} leigos

Bem, ok, se você estiver administrando seu negócio usando matemática ruim, você vai falir. Mas, e quanto a confiar na intuição a respeito das motivações humanas? Outro de seus exemplos propõe-se a provar que isso é igualmente tolo.

O Problema de Linda, como é conhecido, é um dos testes mais célebres da pesquisa psicológica. O experimento original, que Kahnemann conduziu com Amos Tversky, é elegantemente simples. No início de cada um dos participantes foi dada esta informação: “Linda tem trinta e um anos de idade, é solteira, sincera e muito brilhante. Ela se formou em filosofia. Como uma estudante profundamente preocupada com questões de discriminação e justiça social, também participou de manifestações antinucleares.”

Com base nisso, os pesquisadores solicitaram aos voluntários para classificar a probabilidade de duas declarações: “Linda é uma funcionária de banco” e “Linda é uma funcionária de banco e ativista do movimento feminista”. Quase todos consideraram altamente improvável que Linda fosse uma funcionária de banco. Cerca de 89% cravaram a opção mais extensa. Contudo, eis a pegadinha — como pode Linda ser empregada do banco em uma função particular ser algo mais provável do que ela ser uma empregada do banco em todas as funções possíveis? Ops! Isso é ilógico.

COISAS TÉCNICAS

Os psicólogos chamam isso de *regra do estereótipo*. As pessoas tomam um bocadinho de decisões com base nele. A pesquisa foi citada muitas vezes para levantar um dedo em sinal de advertência para o modo de raciocinar dos seres humanos, mas não se apresse em pedir desculpas. Ao contrário, há muitos argumentos possíveis a serem feitos a respeito de porque a segunda descrição “realmente” é mais provável do que a primeira, e por isso 89% se deram o direito de dizê-lo. Tudo depende da forma como as palavras funcionam, algo um pouco mais complexo do que Tversky e Kahneman parecem ter admitido.

No pensamento rápido, intuitivamente, as chances de Linda ser uma funcionária de banco são baixas, mas se você ouvir falar de uma Linda que pertence *ao grupo muito menor* de bancárias feministas, você certamente teria razão ao considerar maior a probabilidade de ser Linda — precisamente porque o grupo é menor!

6 MANEIRAS DE SER ORIGINAL SEM ESFORÇAR-SE MUITO

O novo mundo requer um pensamento novo, crítico — certo? Seja lá o que for que você esteja fazendo — estudando, negociando, gerindo um projeto — isso pode ser difícil, ainda mais quando



Habilidades de Pensamento Crítico ^{Para} leigos

Você tem que ser eficiente, inovador, consciente, e assim por diante. Porém, esse é o pensamento antigo. Eis algumas sugestões para você começar a pensar mais criticamente.

USE A MENTE DO RÉPTIL

Ao lidar com qualquer problema, há sempre três estratégias disponíveis. Isso soa como mais trabalho, mas, enfim, obter novas ideias vale uns minutos extras. Então, anote cada uma delas. O incrível é que a mente humana rebela-se ao ser confrontada com três respostas, por isso, no final do processo, os centros lógicos do cérebro desligam-se, e a muito mais poderosa mente reptiliana assume o comando. Ela não tem respeito pelas convenções e, em vez disso, é conduzida unicamente por impulsos e desejos primitivos. É inteligente.

DELEGUE

Claro, uma vez conhecendo o plano, o truque não vai funcionar. Então, no lugar de escrever três soluções, passe a tarefa para outras pessoas, e obtenha o crédito de detectar as grandes ideias.

PENSE EM CÍRCULOS

Na escola, e até mesmo mais tarde, na faculdade, você é incentivado — na verdade, forçado — a pensar linearmente: Começar no início, desenvolver no meio e parar no final. Mas, na vida, as coisas são mais complicadas do que isso. A natureza tem tudo a ver com ciclos — e círculos. Os processos devem ser projetados visando repetição e recorrência — não para serem executados por um período e, em seguida, serem abruptamente encerrados.

ABRACE A INCERTEZA

A um primeiro olhar, problemas são uma forma de caos. Você acha que eles precisam ser analisados e “removidos”. Mas como trazê-los do caos à ordem? É uma espécie de mágica? Bem, sim e não. O importante é relaxar. Realmente ajuda ir tomar uma cerveja no bar ou dar um passeio no parque. Então, cutuque as questões com vara curta, abrace as complexidades — e, em seguida, deixe tempo e espaço para a poeira assentar.

APRIMORE SUAS HABILIDADES DE DESIGN

Habilidades de design? Isso soa estranho? Não falo de habilidades do tipo trabalhar madeira ou tecido na oficina, mas sim, de recorrer a ideias e experiências em ciências sociais, negócios e computação. A filosofia do design é, na realidade, muito antiga, e antecede a engenharia. Uma característica chave é que ela coloca o fator humano no centro das soluções; outra, é que quando você tem uma estratégia, você elabora um protótipo — e valoriza o feedback.



Habilidades de Pensamento Crítico ^{Para} leigos

BASTA PERGUNTAR “POR QUÊ?”

Em geral, perguntar “por que” leva a respostas ainda mais genéricas e abstratas. Essas afirmações são frequentemente mais significativas, senão tanto diretamente aplicáveis quanto as primeiras respostas. Por exemplo, se a conversa é sobre jardinagem ou paisagismo, não pergunte “Qual é a melhor época do ano para plantar árvores?”; em vez disso, “Conte-me sobre seus sucessos e fracassos no plantio de árvores”. A primeira pergunta vai receber uma resposta muito curta (“No outono”), enquanto a segunda pode produzir uma informação extra, inesperada.